



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MULHER / GAY / HOMEM: DESCONSTRUINDO CATEGORIAS ENGESSANTES EM *PRIMAVERA NOS OSSOS*

Micaela Sá da Silveira

(Universidade Estadual da Paraíba – micaelauepb@hotmail.com)

Resumo

Este trabalho objetiva discutir as noções das categorias engessadas de homem, mulher e gay nas das relações estabelecidas por personagens na obra *Primavera nos ossos* (2010) da autora Álex Leilla. As questões discutidas passam pela problematização das definições sobre o que é ser e pertencer a categorias enquanto definições engessadas, enquanto imposições criadas a fim de enquadrar os sujeitos, propondo uma desconstrução dessas categorias fixas, levando a criação de um espaço de trânsito para que as relações aconteçam sem necessidade de demarcações. Como resultado dessa pesquisa bibliográfica, percebe-se que, diante das performances das personagens analisadas e as relações por eles estabelecidas, as definições para as categorias mencionadas não são satisfatórias, pois tais sujeitos ficcionais não se enquadram nos moldes binários, social e culturalmente difundidos do que é ser homem, gay ou mulher e, por isso, podem vivenciar suas relações em trânsito.

Palavras-chave: Mulher/Gay/Homem. Entrelugar. Trânsito.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O romance *Primavera nos ossos* (2010), da autora Álex Leilla, conta a história de Luísa, uma mulher bem sucedida que se apaixona por um amigo de seu irmão ainda na infância e nutre por ele um amor ao longo da vida. Ainda que Luísa escute de Michel que este é homossexual, eles namoram e casam. O matrimônio dura exatos cinco anos e acaba devido ao fato de o esposo de Luísa se interessar por um rapaz e decidir morar com ele em outra cidade. Além disso, outra situação que merece destaque no enredo desse romance é o fato de a protagonista ter sido violentada e estuprada por dois homens.

No livro há um grande ponto de tensão que está relacionado ao estupro, tendo em vista que Michel descobre que foi acometido por um câncer no mesmo espaço de tempo em que Luísa conta-lhe da violência. Para além disso, o que permeia toda a história são as



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

possibilidades de relações estabelecidas por eles, não se limitando aos postulados sociais, ou seja, às relações que seguem um padrão hetero ou homossexual, ainda que a vida lhes apresente o sofrimento enquanto castigo para tal liberdade, como vamos perceber adiante.

As personagens dessa obra apresenta personagens que fogem ao que é (pré)estabelecido para o ser homem e mulher. O conceito que tomamos do que é ser homem e mulher está baseado nos autores que apresentam tais categorias como construção, desmistificando a ideia de que a marcação biológica define o que é ser um e outro sujeito. Alguns estudos têm apontado para essa noção construtiva do sujeito, a exemplo de Badinter (1993) e Nolasco (1995). Há em comum, nessas pesquisas, o fato de associar essa construção a uma imposição social, que considera apenas a marca biológica, ou seja, se o sujeito nasce com um pênis, há uma série de regras com as quais ele deve lidar para que honre a categoria de homem. Para quem nasce com uma vagina, a situação ocorre da mesma forma, como afirma Nolasco (1995, p. 25): “A anatomia tem servido como um porto seguro para referendar algumas certezas culturais criadas para homem e mulher”, daí a necessidade de se rediscutir as construções e expectativas que são criadas a partir do corpo dos sujeitos. Evidentemente a anatomia é um modo de se entender e de se dizer do sujeito, para analisá-lo, para criar leis que são, de certo modo, importante para a convivência social, o problema reside na tentativa de tornar tal categorização única e de prestígio.

Segundo Badinter (1993), ainda na introdução de *XY*: sobre identidade de gênero, tornar-se masculino envolve fatores psicológicos, sociais e culturais que não se relacionam com a genética. Ela discute a construção do homem e esclarece que “Ser homem se diz mais no imperativo do que no indicativo. A ordem ‘seja homem’, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende” (BADINTER, 1993, p. 3) Diante do que postula a autora, fica evidenciado o fato de que essa construção, que tanto se discute, está mais para imposição de normas e regras, que nem sempre são seguidas pelos homens, e isso não está relacionado as práticas sexuais dos mesmos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em se tratando da construção da mulher, o nome que primeiro se destaca é o de Simone de Beauvoir, devido à importância de suas obras para os movimentos feministas. A autora apresenta em *O segundo sexo* (1967) um panorama histórico do papel da mulher na sociedade, que por muito tempo foi o de mãe e de esposa. Tais papéis, segundo ela, apresentados como um “destino biológico” eram, na verdade, formados por discursos sociais e culturais.

É partindo dessas construções fechadas que apresentamos uma leitura crítica de *Primavera nos ossos*, tendo em vista que tal obra rompe com esses paradigmas, colocando em ação sujeitos que não obedecem a ordem, ao contrário, subvertem-na.

(DEZ)CONSTRUINDO CATEGORIAS

Para problematizar e compreender as personagens da obra em questão analisada, retomemos os conceitos de **homem** e **mulher** embasados na perspectiva de construção: sujeitos que estão marcados biologicamente com pênis ou vagina e por isso possuem um destino traçado. É essa conceituação que vamos questionar no decorrer da análise, tendo em vista que o texto de Leilla, diferentemente de outros textos que tematizam as relações entre sujeitos, celebra o encontro de corpos e afetos pelo desejo e não pelo sexo anatômico.

Pensemos nas personagens de *Primavera nos ossos*. Neste enredo, há um relacionamento que norteia a obra, estabelecido entre Luísa e Michel. É através da performance dessas duas personagens que vamos perceber a possibilidade de trânsito nas relações afetivas e sexuais, que geralmente são postas como fixas e sem margem para outras formas de concretizá-las.

Uma questão que fica evidenciada no decorrer da obra é a desconstrução da ideia de homem e mulher. O que temos, na verdade, é a presença de uma mulher que toma as rédeas da situação. O que seria teoricamente contrário ao posicionamento esperado para tal



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

figuração, tendo em vista que, socialmente, estavam postos quais poderiam ser os papéis de cada um dos sujeitos.

As relações de afeto (ou eróticas) expressas e vividas pelas personagens da obra de Leilla nos remetem à obra *El amante lesbiano* (2000), de José Luis Sampedro, que é apresentado em *Lesbofobia* (2002), de Viñuales, por fugir aos padrões pré-estabelecidos para as relações e para as categorias que estamos discutindo neste tópico:

La novela narra una historia de amor entre un hombre que desea expresarse y vivir como una mujer lesbiana, y una mujer que desea a un varón feminizado, mejor dicho, lesbianizado, porque no reproduce los gestos ni actitudes asociadas tradicionalmente al género masculino (...) La novela de Sampedro nos introduce en un mundo distinto, un lugar en el que no hay hombres o mujeres heterosexuales u homosexuales. Es el mundo de la entrega absoluta al otro más allá de las restricciones culturales de la política de géneros (VIÑUALES, 2002, p. 64 – 65)¹.

Observa-se que, na apresentação feita do romance do autor espanhol, podemos encontrar traços muito semelhantes com o texto brasileiro, tendo em vista que ambos trazem, em seu enredo, a exibição de relações eróticas entre personagens que não estão preocupados com a permanência dos valores fixos de gênero e sexualidades, evidenciando o desejo pela entrega, por dar vazão aos sentimentos e à vivência das experiências que estão no campo das possibilidades de experimentações. No texto de Leilla, conhecemos como se dava a relação entre Luísa e Michel a partir do relato do estupro, das cenas de vingança e de amor e, com isso, vamos compreendendo as subjetividades de tais personagens.

Muitas são as passagens em que Luísa destaca a delicadeza e o cuidado de Michel para com as situações nas quais ela estivesse envolvida. Exemplo disso é quando a mesma afirma que “Ele não apenas percebia imediatamente qualquer mudança, mesmo as menos drásticas, como também dizia, seríssimo, *caiu-lhe muito bem esse tom ou você está cada vez mais deslumbrante, Luísa*” (LEILLA, 2010, p. 108) Ou seja, Luísa vê nesse homem alguém que a percebe e a conquista nos pequenos detalhes. Por ser atencioso e por se fazer presente. Por atitudes sensíveis – o oposto do que é o “homem de verdade”. Outro aspecto interessante de

¹ A novela narra uma história de amor entre um homem que deseja se expressar e viver como uma mulher lésbica, e uma mulher que deseja um homem feminizado, melhor dito, lesbianizado, porque não reproduz os gestos nem atitudes associadas tradicionalmente ao gênero masculino (...) A novela de Sampedro nos introduz em um mundo distinto, um lugar em que não há homens ou mulheres heterossexuais ou homossexuais. É o mundo da entrega absoluta ao outro mais além das restrições culturais da política de géneros (tradução nossa).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

se ressaltar é a forma como Luísa problematiza o desejo de Michel para com seu igual, pois para ela era estranho o fato de ele estar sempre rodeado de mulheres:

Ter a casa e a vida repleta de mulheres – cantoras mulheres, escritoras mulheres, amigas mulheres, chefes mulheres, colegas mulheres, dentistas mulheres, médicas mulheres, garçonetes mulheres, caixas de banco mulheres, motoristas de táxi mulheres – e, na cama, preferir homens (LEILLA, 2010, p. 151).

Vejamos que o caminho percorrido por Luísa é o oposto ao que se tem dito popularmente, levando em consideração a segmentação binária em que homens e mulheres devem se agrupar entre os seus iguais, cada um em seu lugar distinto. Segundo Bourdieu (2002), ainda na infância, meninos brincam com meninos, meninas com meninas e o gênero masculino é posto sempre como superior ao feminino. O que Luísa nos possibilita (re)pensar é outro sentido, conforme apresentamos: a partir do contato de Michel com as mulheres, o desejo dele fora direcionado para os homens.

O que temos claramente posto na relação entre essas duas personagens, está para além do sentimento de amor, carinho e cuidado que tinham. Michel direcionava para aquela mulher um desejo sexual que está descrito em várias páginas e com riqueza de detalhes. Ele sentia uma necessidade cada vez maior de manter relações sexuais com Luísa, pois ele:

Não conseguia entender quanto sentia fome e sede dela, e, ao mesmo tempo, como queria por tudo manter-se distante daquela mulher. [...] Quanto mais fosse dela e a tivesse para si, quanto mais achava estranho querer uma mulher e, acima de tudo, uma amiga daquele jeito [...] O que queria extrapolava a satisfação física. Ao contrário, a fome aumentava quando faziam amor. Não lhe bastava o gozo. O gozo é um fato logo consumado. (LEILLA, 2010, p. 194 - 195).

Observemos nessa citação que Michel deixa claro o seu desejo latente por aquela mulher que era capaz de fazer seu corpo despertar sensações nunca antes vivenciadas. Está explícito que esse desejo era permanente, era chama acesa, era uma necessidade de vivenciar aquele momento, não apenas pelo gozo em si, pois a relação que eles mantinham ia além de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

amor/amizade e desembocava no prazer a dois; mas porque aquilo gerava um ciclo de necessidades sem fim.

Preocupação, cuidado, carinho, amor, amizade, compaixão, dentre outros, são sentimentos que estão presente nessa relação de Michel e Luísa. É importante observar que nem o tempo nem a distância foram capazes de modificar o que eles sentiam. De tal modo, o próprio Michel deixa claro ao afirmar que mesmo depois de um tempo sem se verem “nada em sua amizade com ela havia se modificado. Bastou falarem ao telefone, sentir sua cumplicidade, para perceber que tempo algum, novidade alguma entre eles levantar-se-iam feito barreira” (LEILLA, 2010, p. 220).

Na narração de Michel, ele nos apresenta os motivos pelos quais a confiança era a base do relacionamento deles, já que tudo poderia ser partilhado. Não havia motivos para esconder nada um do outro. A franqueza era constante nas conversas entre eles, mesmo quando o assunto tema era delicado, como por exemplo, o acontecimento que marca a vida de Luísa (o estupro e as consequências deste) e a doença de Michel (câncer). Não podemos deixar de lado tais situações, pois entendemos que há uma atribuição de sentido mais ampla nas mesmas.

Na narrativa, o segundo momento apresentado são as sensações vivenciadas por Luísa e a descrição da experiência trágica vivenciada pela mesma: ter sido violentada por três homens e ter sobrevivido diante de tanto horror, pois a personagem “emerge do inferno, a verdade é que ela retorna à vida. Embaçada. Descongelada” (LEILLA, 2010, p. 31). Trazemos o termo “tragédia” retomando o conceito que é discutido desde Aristóteles. Segundo o autor (1987 p.205), há na tragédia “ações de vida, de felicidade e infelicidade; mas felicidade ou infelicidade residem na ação, e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade”, ou seja, a tragédia está relacionada com a mudança de destino: da felicidade para infelicidade ou vice-versa.

Saindo um pouco da forma, discutida por Aristóteles e adentrando ao universo do trágico, trazemos a distinção feita por Lesky (1996) vai dizer-nos que:

A autêntica tragédia está sempre ligada a um decurso de acontecimentos de intenso dinamismo. A simples descrição de um estado de miséria,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

necessidade de abjeção pode comover-nos profundamente e atingir nossa consciência com muito apelo, mas o trágico, ainda assim, não tem lugar aqui. Que ele está ligado a um acontecer, Aristóteles reconheceu claramente quando, na Poética (cap. 6), caracterizou a tragédia não como imitação de pessoas, mas de ações e da vida (LESKY, 1996, p. 32-33).

Assim, temos evidenciado que a tragédia está diretamente relacionada com ações que são construídas no decorrer da vida. No texto em análise há essa sombra trágica das ações experienciadas pelas personagens. No que diz respeito ao enredo da tragédia, é importante salientar o que apresenta Cézar (1999):

O enredo de uma tragédia constitui-se, pois, como restabelecimento do equilíbrio perdido, némesis. Acontece impessoalmente, exibindo a onipotência de um destino exterior, a denominada moira, expressão da essência divina, seja por sua justiça, seja por sua providência, exibindo ainda a onipotência de uma necessidade, ananké, a existir independentemente da ação humana. O agente efetivador do restabelecimento da ordem, némesis, é variante: tanto pode ser a vingança de um deus quanto de um mortal, tanto pode ser a ação do acaso quanto da organização lógica das ações do herói. A ordem inevitavelmente se restabelece, transparecendo através desta ocorrência a pré-existência de uma lei, seja ela da natureza, seja ela divina, seja ela uma estrutura social rígida. O indivíduo nunca sai vitorioso numa obra de arte literária trágica (CÉZAR, 1999, p. 145).

Com isso, podemos afirmar que há, de fato, uma experiência trágica na vida de Luísa, tendo em vista que o fato de ter sido estuprada movimentará parte da narrativa, pois a protagonista moverá suas forças a fim de se vingar dos homens que a violentou. Por mais que ela concretize a vingança e com isso “restabeleça a ordem”, como discutiremos adiante, podemos dizer que a personagem fica marcada por essa experiência, pois a narradora apresenta textualmente a presença desse fato como sendo definidor para o desencadear de outros. Segundo Williams (2002 p.55), “Para que haja uma genuína ação trágica é essencial que o princípio de liberdade e independência individual, ou ao menos o princípio de autodestruição, a vontade de encontrar no eu a livre causa e a origem do ato pessoal e de suas consequências já tenha sido despertada”.

Nessa perspectiva, é possível compreender o sentimento de impotência descrito por Luísa, ao se perceber emergir da situação, e a necessidade de passar por cima de tudo para se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vingar. Tal necessidade é tamanha que Luísa dedica um tópico inteiro, nomeado “Bumerangues”, para apresentar o passo a passo da tão planejada vingança, que foi tão temida e negada por Michel.

O tópico descrevendo os requintes de crueldade da vingança é todo entrelaçado com a letra da música de Renato Russo “*Boomerang Blues*” que retoma a ideia de que tudo o que é feito tem seu efeito de volta, como a própria lógica do bumerangue, que vai e volta com a mesma intensidade, ou com uma intensidade maior, independente do tempo que demore para que o retorno aconteça.

Para a execução de tal vingança, Luísa fez questão de gravar todo o processo de tortura. Ela preparou tudo com antecedência. O irmão estava com ela e ajudou-a a encontrar os homens que a violentara, mas foi a protagonista que fez questão de pôr em prática o plano. Depois de ouvir os motivos que levaram os homens a escolhê-la, Luísa:

Começou a cortar o tecido da roupa de um, depois do outro. Da roupa passou aos membros. Os membros murchos dão trabalho. Ora a faca adentrava fácil, ora emperrava, como ela advinhara acontecer minutos antes. Concentrou-se. Cortar o pau de um, depois do outro. Eles suavam, espirravam sangue, faziam barulho de apito por trás das mordanças, fediam feito porcos na dor (LEILLA, 2010,p. 116).

O que está implícito em toda a violência sofrida por Luísa e retribuída na mesma intensidade, ou de forma pior, é a relação com a dor que é comumente é relacionada aos sujeitos que fazem parte das relações fluidas, por participar dessas relações limítrofes. Entendemos que as fraturas ocasionadas por tanta violência e tanto sofrimento não estão postas de forma gratuita, ela nos remete a um castigo. É sabido que nas representações das relações entre iguais há uma sombra de morte, uma sombra trágica concreta ou simbólica que direciona a uma perspectiva de moral, por mais que pensemos numa perspectiva livre e fluida das relações, o que emerge é um discurso que pune os sujeitos que se permitem vivenciar as figurações de subjetividades distante do que se esperou socialmente, por muito tempo. Com Luísa o “castigo” veio através do estupro e com Michel a punição está dada através da doença que ele descobre ter, não por acaso, no mesmo período em que Luísa sofre a violência.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Para além de todo o castigo e também por isso, o modo como qual a relação de Luísa e Michel está colocada no texto nos faz refletir acerca das maneiras como se estabelecem as conexões, ou laços, entre os sujeitos na chamada modernidade líquida. Para entabular tal discussão pensemos com base no que apresenta Bauman (2004) e Giddens (1993) acerca das relações afetivas e sexuais, nas obras *Amor líquido* e *A transformação da intimidade*, respectivamente.

O discurso apresentado por Bauman (2004) no decorrer do texto, questiona o que vem a ser os relacionamentos em tempos líquidos, apresentando a possibilidade de serem:

investimentos como quaisquer outros, mas será que alguma vez lhe ocorreria fazer juras de lealdade às ações que acabou de adquirir? Jurar ser fiel para sempre, nos bons e maus momentos, na riqueza e na pobreza, ‘até que a morte nos separe’? Nunca olhar para os lados, onde (quem sabe?) prêmios maiores podem estar acenando? (BAUMAN, 2004, p. 29).

O que o autor polemiza é o fato de, na modernidade, esses valores não estarem mais em evidência, tendo em vista que, com a velocidade com a qual os fatos acontecem socialmente, seria pouco provável que essa lealdade, mencionada por ele, se mantivesse. Acreditamos que esse posicionamento é um tanto quanto radical, pois pode haver sim, com a modernidade, um novo modo de vivenciar as relações de formas mais líquida e com traços de lealdade. O fato de um dos parceiros dessa conexão afetivo-sexual se interessar e ter algum envolvimento com uma terceira pessoa não significa que não há mais lealdade.

Atualmente, nesse estágio líquido de vivenciar as relações, o que sobressai é a possibilidade de estabelecer os acordos que antes não existia, ou seja, os envolvidos numa relação podem se permitir vivenciar relações mantendo o laço da lealdade, ainda que não haja fidelidade, no sentido mais tradicional e fechado do termo. Na “modernidade líquida”, há um novo modo de experienciar as relações.

Percebemos que Bauman (2004) comumente apresenta a categoria desejo em oposição a amor, como se ambas não pudessem caminhar juntas, ou como se uma anulasse a outra. O que discordamos, na verdade, pois como vemos o autor contrapõe as categorias da seguinte



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

forma: é que o amor “é a vontade de cuidar e de preservar o objeto cuidado. Um impulso centrífugo, ao contrário do centrípeto desejo. Um impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que está ‘lá fora’. Ingerir, absorver e assimilar o sujeito no objeto, e não vice-versa, como no caso do desejo” (BAUMAN, 2004, p. 24) Entendemos que há, sim, diferença entre as formas de sentir e viver, mas não que uma anula a outra, como apresenta o autor ao ilustrá-las como impulsos centrífugos e centrípetos, pois não há como ambos coexistirem em um mesmo lugar. Essa desarticulação é no que não apostamos, até porque nos tempos modernos há também uma busca em prol do equilíbrio e não de uma unificação.

Vale salientar também o discurso que apresenta Giddens (1993) ao definir o “amor confluyente” e o tipo de relação que pode ser estabelecido através dele:

um amor ativo, contingente e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da ideia de amor romântico. (...) O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. Neste momento, o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade (GIDDENS, 1993, p. 72 - 73).

Nessa perspectiva, o pensamento apresentado por este autor corrobora o que estamos pensando para a análise da obra leilliana, pois percebemos na relação estabelecida entre Luísa e Michel as características de um amor confluyente. No que Leilla apresenta para tal conexão não há relação com os elementos do amor romântico. O ponto crucial para esse tipo de relacionamento é o desenvolvimento da intimidade, que “é acima de tudo uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal” (GIDDENS, 1993, p. 146).

A relação estabelecida entre os protagonistas da obra leilliana é imbuída dessa relação de intimidade que só é percebida, ou efetivada, com a abnegação dos sentimentos que aprisionam os sujeitos no amor romântico regrado. Um autor pertinente para pensarmos essa noção é Costa (1998, p.12), que traz um lembrete importante de que o amor é uma crença e por isso “pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nenhum dos seus constituintes afetivos é fixo por natureza”. Assim, podemos pensar na ideia de amor romântico como sendo passível de transformações, o que está coerente com os mecanismos da chamada *modernidade líquida*.

O que vemos entre Luísa e Michel é a “revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo. Na verdade, a revelação do que é mantido oculto das outras pessoas é um dos principais indicadores psicológicos, capaz de evocar a confiança do outro e de ser buscado em retribuição” (GIDDENS, 1993, p. 153 – 154), ou seja, percebemos entre as personagens a ligação que Giddens chamou de “intimidade”.

Ainda no que se refere à intimidade, e voltando ao texto de Leilla, uma passagem que merece destaque é aquela em que Luísa apresenta suas concepções sobre o estereótipo do que é ser gay. Estas, notadamente, estão atreladas ao pensamento comum que relaciona as brincadeiras da infância ao tipo de relação que o indivíduo manterá ou poderá manter na vida adulta, como vemos no trecho que segue:

- Dizem que meninos *gays* brincam de casinha quando pequenos.
- Mentira, eu nunca brinquei de casinha, e desconheço algum amigo meu que tenha brincado. Só os que já nasceram querendo ser mulher, acho.
- E como é isso de serem mulher?
- Dizem que sempre se sentiram mulher (LEILLA, 2010, p. 224).

O que está problematizado nesse diálogo, além dos estereótipos do que vem a ser um sujeito *gay* e as preferências de Michel é, mais uma vez, o binarismo construção/essencialismo, tendo em vista que o trecho estabelece duas relações: as influências da infância que direcionam para a homo ou heterossexualidade, como foi dito; e uma relação que afirma que algumas pessoas já nascem sentindo-se pertencentes ao gênero oposto, uma vez que não se reconhecem na marcação biológica à qual estão vinculados. Por exemplo, a condição *trans*, que é caracterizada pelo sentimento intenso de não-pertencimento ao sexo anatômico.

CONCLUSÃO



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, percebemos a distância que essas personagens mantêm dos discursos estereotipados, tendo em vista que o que está preconizado são as subjetividades diferentes, ou seja, independente de o menino ser criado por avó, por pais separados, com as mães, brincando de casinha ou não, não são esses os fatores que vão definir a subjetividade dos personagens, pois não são fatores determinantes, por mais que algumas pessoas estabeleçam essa relação. O que se nota é que as formas de se subjetivar são diferentes. O sujeito pode brincar de casinha e não ser *gay*. E também pode ser. Diante disso é que podemos afirmar que os estereótipos desses tipos sociais não estão presentes nesta obra, pois os personagens são livres e com sua subjetividade particular, fugindo aos moldes que se espera para os mesmos.

Observamos que a fala de Michel coincide com o seu posicionamento, já ele apresenta a maneira de se relacionar com as pessoas de modo fluido, independente do gênero de seus parceiros. Quando Luísa questiona se ele era realmente *gay*, por causa da afirmação que ele fizera, indo de encontro ao que ela esperava, ele rebate-a “– Claro que sou. O que quero dizer é que não me importo com essas bobagens, se o cara me é atraente, estou me lixando se é afeminado ou másculo, ou que quer que seja” (LEILLA, 2010, p. 225). Dessa forma, confirmamos o que foi dito anteriormente, da não preocupação de Michel com as performances das pessoas com as quais se relaciona. Para ele, o que está em evidência é a efetivação de seu desejo e não um molde específico de parceiro (a).

Logo, a subjetividade que o sustenta é diferente das outras. Ele só quer viver o gozo, o prazer, o hedonismo, na intenção de obter mais prazer e menos sofrimento, sendo, assim, essa forma de viver a única coisa que promove a ação humana.

Evidencia-se na obra, de um modo geral, que há pontos comuns tanto nas passagens do texto em que Luísa narra, quanto na narração feita por Michel. O que destacamos é o fato de que, mesmo sendo trocada por um rapaz, Luísa mantém-se envolvida com Michel mesmo sabendo que das relações dele com outros rapazes antes de casar. Ou seja, em nenhum momento ela foi enganada por seu companheiro, apenas houve o ranço causado pela presença de outra pessoa entre os dois. Há, portanto, um momento de adaptação dela frente à situação de estar com um homem cujo desejo não tem limites para gênero e sexualidade, diante do que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

está posto na obra, quando analisada numa perspectiva que desconstrói, mas não invalida, os estudos gays e lésbicos.

O que se comprova com este fato é que há um homem que mantém relações com outro igual, mas casa-se com uma mulher, e esta, por sua vez, mantém o casamento mesmo conhecendo as várias experiências vivenciadas por parceiro. Dessa forma, o que temos é a percepção das relações fugindo ao que as categorias heterossexual e homossexual pré-determinam, uma vez que, por mais que o personagem afirme ser homossexual, em algumas passagens do texto, a prática dele aponta para outros ilimitados vieses.

Assim, percebemos que Michel afirma ser homossexual, pela ausência de termos lexicais que possam dizer de si abrangendo tamanha liberdade para corpos e relacionamentos, como é por ele vivenciado. A única forma que a língua permite que ele diga de si é dessa, pois o sistema só o nomeia assim, mas não esqueçamos que o nomear não limita, pois a prática está para além do que está amarrado nas palavras. O que podemos concluir é que as categorias não são suficientes, não acompanham a intensidade com o qual os laços se estabelecem e criam novas perspectivas para que o desejo seja efetivado.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: II a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CÉZAR, Adelaide Caramuru. O trágico enquanto marca do texto literário. *Signum: estudos literários*, Londrina, n. 2. 1999, p. 139-153
- LEILLA, Álex. *Primavera nos ossos*. São Paulo: Casarão do verbo, 2010.
- LESKY, Albin. *A tragédia grega*. Trad. J. Guinsburg et al. 3. ed. São Paulo: Perspectiva. 1996.
- NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- VIÑUALES, Olga. *Lesbofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2002.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.